DEPOIMENTOS

Homenagem a Ruy Mauro Marini

Carlos Eduardo Rosa Martins*

A morte de Ruy Mauro Marini, ocorrida no último 5 de julho, choca-nos duplamente, seja pela precocidade do desaparecimento de uma das vozes mais lúcidas da contemporaneidade, seja pela eficácia que os sucessivos projetos conservadores no Brasil têm em apartar o povo brasileiro das suas melhores expressões intelectuais.

Ruy Mauro Marini construiu grande parte de sua carreira acadêmica no exílio, sendo um dos principais autores da chamada "teoria da dependência" e um dos mais ricos e criativos pensadores marxistas já havidos.

Marini foi, talvez, o mais vigoroso intérprete e formulador da teoria econômica marxista na América Latina. Com sua obra, a leitura de *O capital* ganha um novo paradigma, que reposiciona inteiramente os estudos sobre a acumulação mundial capitalista, ao inserir, no centro desta acumulação, a produção e a apropriação de mais-valia como pares indissociados, que incidem, entretanto, desigualmente nos diversos rincões. A partir desse enfoque Marini criou uma profusão de conceitos, entre os quais se destacam os de superexploração do trabalho e de subimperialismo, que marcaram profundamente o pensamento e a economia marxista contemporânea.

Se a teoria da dependência inverteu o fluxo dos conceitos para análise das economias mundial e regionais, antes importados pelos países periféricos aos países centrais, capacitando a América Latina a exportar seus produtos teóricos à Europa, EUA e Japão, a obra de Marini, dentro deste contexto, tornou-se a principal fonte exportadora, para os países do centro, de conceitos para uma nova economia política marxista.

Em seu exílio no Chile e no México, Marini publicou grande parte de sua obra, onde se destacam: *Contradicciones y conflitos en el Brasil contemporáneo* (1965) e *Brazilian interdependence and imperialist integration* (1965), nos quais analisa o caráter do golpe militar no Brasil e antecipa grande parte das teses posteriores da teoria da dependência; *Subdesarrollo y revolución* (1969), onde desenvolve o conceito de subimperialismo e aborda as novas perspectivas da conjuntura econômica, social e política latino-americana, a partir das condições das lutas de classes produzidas no continente pela ditadura brasileira; o seu paradigmático *Dialética da dependência* (1973), onde amadurece o conceito de superex-

* Pesquisador do Gremint (UFF-Economia), mestre em administração pública (EBAP) e sociólogo (PUC-RJ).

ploração do trabalho e influencia toda uma geração de pensadores latino-americanos e mundial; os diversos textos de análise política do processo chileno, que resultaram no livro *Reformismo y contrarevolución* (1976); e os seu artigos "O ciclo do capital na economia dependente" (1978) e "Mais-valia extraordinária e acumulação de capital" (1979), em que desenvolve a perspectiva de dialética da dependência e introduz profundas inovações nos esquemas de reprodução de Marx, com impactos nem sempre percebidos.

Nos anos 70, durante o auge da teoria da dependência, Marini polemizou duramente com Fernando Henrique Cardoso sobre os rumos conservadores dados por este àquela, travando debates que marcam a história das ciências sociais latino-americanas e que culminaram no texto *Las aventuras del neodesarrollismo — respuesta a Fernando Henrique Cardoso y José Serra* (1978). Em sua crítica a Fernando Henrique, Marini apontou a incapacidade deste em compreender o papel da apropriação de valor no capitalismo internacional e seus efeitos sobre a acumulação interna dos países dependentes, bem como a vinculação entre o econômico e o político na luta de classes e na reprodução da dependência.

Em sua trajetória pela América Latina e pelo mundo, Marini criou, juntamente com Theotônio dos Santos e Vânia Bambirra, uma escola de pensamento e um imenso número de discípulos, onde se destacam autores do porte de um Jaime Osório, de uma Ana Esther Ceceña, de um Adrián Sotelo Valencia, de um Barreda Marín, ou de um Nildo Ouriques.

De volta ao Brasil após a anistia política, ele somente estabeleceu residência no país em 1985. Integrou-se, então, ao projeto de constituir, na Fesp do Rio de Janeiro, um programa de graduação e pós-graduação em administração pública. A derrota de Darcy Ribeiro na eleição ao governo do estado inviabilizou a continuidade desses planos, e, nesse mesmo ano, Marini tem sua anistia política estendida ao campo profissional, sendo, em 1987, reintegrado à universidade pública na UnB, da qual foi fundador.

Em 1991, aposentou-se da UnB, publicando, em 1992, seu primeiro livro no Brasil, *América Latina: dependência e integração*.

Em 1993 foi convidado a assumir a direção do Centro de Estudos Latino-Americanos (Cela), no México, onde permaneceu até 1995, período em que coordenou, a partir de seminários realizados nesse instituto, um trabalho monumental de revisão do pensamento latino-americano, publicado em quatro tomos e mais de mil páginas. Entre os artigos que publicou nessa revisão, destaca-se Processos e tendências da globalização capitalista (1996), onde desenvolve um percurso de reflexão sobre a lei do valor em uma economia globalizada, à luz das categorias analíticas centrais de sua obra.

Marini deixa uma obra aguda, inacabada, descontinuada à força, pela ruptura do desenvolvimento democrático latino-americano, nos anos 60 e 70, e desconhecida do grande público no Brasil, com o apoio de parte da intelectualidade que apostou em uma redemocratização aliada às forças conservadoras do país, cerrando-lhe as portas para debater alternativas ao modelo sócio-econômico dominante.

Aqui na EBAP, procuramos, em nossa dissertação de mestrado, desenvolver aspectos da reflexão contemporânea de Marini, para compreender os novos parâmetros da acumulação mundial capitalista e o papel que nela jogam os países dependentes, visando a fundamentar os termos das políticas de desenvolvimento de nossa região. Para tanto, tivemos o privilégio de contar com o amplo auxílio de Marini e Theotônio na sua elaboração, e com a sensibilidade e apoio de Paulo Emílio Mattos Martins e Fernando Guilherme Tenório no tratamento dessas questões.

A relativa exclusão da obra de Marini da vida intelectual brasileira constitui um de seus episódios mais absurdos, exigindo a recuperação desse acervo, seja como parte da memória das ciências sociais da região, seja como viés interpretativo da realidade contemporânea.

De nossa parte, estamos convencidos de que seu pensamento e sua história atravessam o coração deste continente e do sistema mundial como um dos mais profundo libelos já criados contra a exclusão e barbárie, e permanecem no horizonte contemporâneo nos convidando à vida intensa, para estarmos à altura dos desafios que descortinam para a construção de um planeta verdadeiramente solidário e plural.